

# 5. Naqueles olhos tinha visto quem era Deus

por Julián Carrón\*

Mas qual é, pergunta-se ainda Dom Giussani, a verdadeira razão do «sim» de Simão a Cristo? «Por que razão é que o “sim” dito a Jesus vale mais do que enumerar todos os próprios erros e listar todas as possibilidades de erros futuros que a própria fraqueza implica? Por que razão é que esse “sim” é mais decisivo do que toda a responsabilidade moral traduzida nos seus aspetos particulares, traduzida em prática concreta? A resposta a estas perguntas revela a essência última do Enviado do Pai. Cristo é o “enviado” do Pai, é Aquele que revela o Pai aos homens e ao mundo. “Esta é a vida eterna: que conheçam a ti, o Deus único e verdadeiro, e a Jesus Cristo, aquele que enviaste”. A coisa mais importante é que “Te conheçam”, que Te amem, porque esse Tu é o sentido da vida. “Sim, eu amo-Te”, disse Pedro. E a razão desse “sim” consistia no facto de ele ter entrevisto naqueles olhos que o tinham fixado aquela primeira vez, e que depois o tinham fixado muitas outras vezes durante os dias e os anos seguintes, quem era Deus, quem era Javé, o verdadeiro Javé: misericórdia». Foi isto o que Pedro viu, experimentou: «Em Jesus, revela-se-lhe a relação de Deus com a sua criatura como amor e, então, como misericórdia. A misericórdia é a posição do Mistério para com qualquer fraqueza, erro e esquecimento do homem: Deus, perante qualquer delito do homem, ama-o. Simão sentiu isto, daqui nasce o seu “Sim, eu amo-Te”».<sup>1</sup>

Sempre me impressionou o episódio daquele homem que foi confessar-se a Giussani, na época em que ele era um jovem padre numa paróquia de Milão: «Entra um homem no confessional; fica de pé, não fala. Então eu olho para ele. Ele, provocado por este meu gesto, diz: “Eu matei”. Não sei como, eu disse-lhe: “Quantas vezes?”. Ele intuiu que poderia ter dito “mil vezes” e eu teria assumido a mesma atitude que se tivesse respondido “uma vez”. Rompeu em lágrimas e baixou-se para me abraçar, chorando: tinha intuído o perdão».<sup>2</sup> Que consciência devia ele ter, desde jovem, da novidade que entrou com Cristo na história, para reagir daquela maneira diante de um assassino! Não havia nada para justificar. Não precisamos de justificar nada, mas – como Dom Giussani – podemos olhar para tudo, reconhecer tudo, porque há um olhar, uma capacidade de perdão, uma misericórdia que ultrapassa qualquer medida. Quem nega o que fez pode iludir-se achando que resolveu o problema (até mesmo um homicídio!). Mas o problema permanece, ainda que um homem o esconda de si mesmo. Ainda bem que tu existes, Cristo, e que te revelaste como misericórdia, porque senão teríamos que carregar o peso terrível das nossas culpas. »

\* Do livrinho dos Exercícios Espirituais da Fraternidade de Comunhão e Libertação 2016.

© 2016 Fraternità di Comunione e Liberazione para os textos de J. Carrón «*Amei-te com um amor eterno, tive piedade do teu nada*».

» «O sentido do mundo e da história é a misericórdia de Cristo, filho do Pai, enviado pelo Pai para morrer por nós. No drama de Milosz, a certa altura, o Abade diz impacientemente a Miguel Mañara, que ia ter com ele todos os dias para se lamentar dos pecados passados: “Acabe lá com esses lamentos de mulherzinha. Nada disso existiu”. Como, “nunca existiu”? Miguel tinha assassinado, violado, tinha sido injusto... “Nada disso existiu. Só Ele existe”. Ele, Jesus, dirige-se a nós, faz-se “encontro” por nós, perguntando-nos uma só coisa: não “o que fizeste?”, mas sim “amas-me?”. Amá-lo acima de todas as coisas, então, não quer dizer que eu não tenha pecado ou que eu não venha a pecar amanhã. Que estranho! É preciso ter um poder infinito para ser esta misericórdia, um poder infinito do qual nós – neste mundo terreno, no tempo e no espaço que nos são dados para viver, nos anos, muitos ou poucos que sejam – obtemos, extraímos letícia. Porque um homem, com a consciência de toda a sua pequenez, fica feliz diante do anúncio desta misericórdia: Jesus é misericórdia. [...] “Debruçaste-te sobre as nossas feridas e nos curaste – diz um prefácio da Liturgia Ambrosiana – dando-nos um remédio mais forte que as nossas chagas, uma misericórdia maior do que a nossa culpa. Também assim o pecado, em virtude do nosso amor invencível, serviu para nos elevar à vida divina”».<sup>3</sup>

<sup>1</sup> L. Giussani; S. Alberto; J. Prades, *Generare tracce nella storia del mondo*, Rizzoli, Milão 1998, p. 85-87.

<sup>2</sup> L. Giussani, *L'autocoscienza del cosmo*. Milão: BUR, 2000, p. 63.

<sup>3</sup> L. Giussani; S. Alberto; J. Prades, *Generare tracce nella storia del mondo*, op. cit., p. 87.